

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017**

**GT-1 – Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação**

**DOCUMENTO E DISPOSITIVO: ENTRE BERND FROHMANN E MICHEL FOUCAULT**

**Thays Lacerda Ferrando – Universidade Federal Fluminense (UFF)**

**Lídia Silva de Freitas – Universidade Federal Fluminense (UFF)**

***DOCUMENT AND DISPOSITIF: BETWEEN BERND FROHMANN AND MICHEL FOUCAULT***

**Modalidade da Apresentação: Comunicação Oral**

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo relacionar questões desenvolvidas por Bernd Frohmann como as práticas documentárias e suas propriedades – institucionalidade, historicidade, disciplina social, materialidade – e de agência documental, com a noção de jogos e relações de poder, assim como ao conceito de Dispositivo desenvolvido por Michel Foucault. Considerando que Frohmann desenvolve questões para os estudos informacionais a partir de uma crítica ao pensamento mentalista e faz uma análise do documento nas práticas sociais, buscaremos identificar o que são práticas documentárias e quais são as principais bases teóricas desta discussão. A partir da análise de textos de Frohmann e Foucault, como também de alguns de seus comentadores, o artigo será estruturado em duas partes: inicialmente apresentaremos como Foucault compreende e desenvolve a ideia de jogos de poder, relações de força, microfísica, assim como outras questões relacionadas ao poder; ainda nesta seção abordaremos a concepção foucaultiana de Dispositivo – rede de elementos discursivos e não discursivos -, relacionando-o às questões de poder; em um segundo momento, abordaremos, de forma sucinta, como Frohmann caracteriza as práticas documentárias e suas propriedades, assim como a ideia de agência documental; também nesta seção, associaremos as práticas documentárias à ideia, desenvolvida pelo autor, dos efeitos de informação produzidos pelos documentos.

**Palavras-Chave:** Documento, Dispositivo, Práticas Documentárias, Efeitos de informação.

**Abstract:** This article aims to relate issues developed by Bernd Frohmann as documentary practices and their properties - institutionality, historicity, social discipline, materiality - and documentary agency, with the notion of games and relationships power, as well as the concept of dispositif device by Michel Foucault. Considering that Frohmann develops questions for informational studies from a critique of mentalistic approach and does an analysis of the document in social practices, we will seek to identify what are documentary practices and what are the main theoretical bases of this discussion. From the analysis of texts by Frohmann and Foucault, as well as some of its

commentators, the article will be structured in two parts: we will first present how Foucault understands and develops the idea of power games, force relations, microphysics, as well as other issues related to power; still in this section we will approach the Foucaultian conception of Dispositif - network of discursive and non-discursive elements -, relating it to the questions of power; In a second moment, we will briefly discuss how Frohmann characterizes documentary practices and their properties, as well as the idea of documentary agency; Also in this section, we will associate documentary practices with the idea, developed by the author, of the information effects produced by the documents.

**Keywords:** Document, Dispositif, Documentary practices, Information Effects.

## **1 INTRODUÇÃO**

Este artigo é fruto dos estudos para o desenvolvimento de uma pesquisa de doutoramento que tem como tema principal discutir o Arquivo no jogo entre o esquecimento, a lembrança e a produção de verdade. Ele também é um dos esforços para articular as discussões sobre documento, informação e arquivo desenvolvidas no âmbito da ciência da informação às ideias de Michel Foucault, que revolucionaram, ou pelo menos abalaram, diversos saberes institucionalizados.

Abordando um objeto que julgamos pertencer à uma zona fronteira – o documento –, buscamos uma interlocução entre a ciência da informação e a filosofia no intuito de discutir a posição do documento, e de seus efeitos, nas práticas sociais. Esta é uma tentativa de aproximação desses campos com o objetivo de ampliar as possibilidades investigativas nos estudos informacionais.

As perspectivas que serão apresentadas e discutidas neste trabalho, e que prezam por um entendimento transdisciplinar, fazem parte de uma visão crescente na área da ciência da informação que revê o papel do documento e do arquivo, considerando o caráter social, a historicidade e as formas de inserção dos documentos nas práticas sociais.

A partir da década de 1990, há na ciência da informação o reaparecimento do tema documento como objeto de estudo. Após um apagamento da temática nos estudos informacionais, cresce o número de pesquisadores que deslocam o foco de suas pesquisas para a temática documento/documentação, recolocando no campo novas análises de autores clássicos da documentação como Briet e Otlet. Os principais autores desta nova demanda foram Buckland, Rayward, Frohmann e Day (FREITAS, 2010).

Neste artigo temos como objetivo relacionar o trabalho de Bernd Frohmann sobre as práticas documentárias e a agência documental com o conceito de dispositivo de Michel

Foucault. Inicialmente apresentaremos como Foucault compreende e desenvolve a ideia de jogos de poder e, conseqüentemente, o conceito de dispositivo.

Em um segundo momento, abordaremos, de forma sucinta, como Frohmann caracteriza as práticas documentárias e as propriedades por ele elencadas – institucionalidade, historicidade, disciplina social e materialidade – assim como a noção de agência documental. Nesta seção, nosso intuito será entender a ideia, desenvolvida pelo autor, dos efeitos de informação dos documentos.

Desta forma, vincularemos as noções de práticas documentárias (ou práticas sociais com documentos) e agência documental, de Frohmann, com os conceitos de jogos de poder e dispositivo, desenvolvidos por Foucault, observando o documento e seus efeitos sob uma perspectiva social e histórica, ligados a condições de possibilidades específicas.

## **2 PODER E DISPOSITIVO EM FOUCAULT**

Nesta seção são apresentados brevemente a noção de jogos de poder e a lógica do dispositivo para Foucault considerados importantes para a análise do documento é apresentar, de forma breve, a questão dos jogos de poder e a lógica do Dispositivo para Foucault.

Em seus últimos trabalhos, Foucault revisitou sua própria obra e afirmou que, ao contrário do que muitos pensavam, o trabalho de toda sua vida não foi dedicado ao estudo do poder e sim à análise do sujeito. Esta era a questão central, o foco último de suas pesquisas. Porém, estudar o poder era essencial para a compreensão da objetivação do sujeito. (FOUCAULT, 1995).

O poder, na perspectiva foucaultiana, não é visto como uma entidade coerente, unitária, estável (REVEL, 2005) mas é apresentado sempre a partir de uma ótica relacional, ou seja, a partir das relações de poder. Desta forma, o que caracteriza o poder é que este “coloca em jogo as relações entre indivíduos” (FOUCAULT, 1995, p.240), onde uns exercem poderes sobre outros, ou poder sobre outros. Assim, o termo “poder” pode ser entendido como “um conjunto de ações que induzem e se respondem umas às outras” (FOUCAULT, 1995, p.240).

Veyne (2011) ao analisar o “poder” foucaultiano conclui que

[...] é a capacidade de conduzir não fisicamente os comportamentos alheios, de fazer as pessoas andarem sem colocar os pés e perna delas na

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017  
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

posição adequada. É a coisa mais cotidiana e mais partilhada; há poder na família, entre dois amantes, no escritório, no ateliê e nas ruas de mão única. Milhões de pequenos poderes forma a trama da sociedade, cujo liço é formado pelos indivíduos. Daí resulta que há liberdade em toda parte, uma vez que já poder em toda parte: constata-se que alguns se insurgem enquanto outros se deixam levar (VEYNE, 2011, p.167-168).

Neste aspecto, podemos entender que o poder estritamente centralizado não é o que Foucault define como poder. Este deve ser entendido como conjunto de práticas sociais marcadas no tempo e no espaço e ainda como “[...] um feixe de relações mais ou menos organizado, mais ou menos piramidalizado, mais ou menos coordenado” (FOUCAULT, 2014, p.369).

O poder em si não existe e não está em nenhum ponto fixo de uma estrutura social, mas sim, disseminado numa rede de relações. Então, o que podemos observar são relações de poder que se exercem, funcionam, agem, em uma rede de relações e de ações permeia por toda sociedade, numa multiplicidade de relações de força, sendo sempre definidas num tempo e num espaço.

Não existe algo unitário e global chamado poder, mas unicamente formas díspares, heterogêneas, em constante transformação. O poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social e, como tal, constituída historicamente (MACHADO, 2014, p.12).

Podemos também perceber que não existe um “lado de fora”, um escape dessa rede. Todos sofrem os efeitos das ações de poder já que nada é desprovido de poder (MACHADO, 2014). A liberdade, a luta e a resistência dos sujeitos surgem dentro da própria rede de poder pois, como apontam Machado (2014) e Jô Gondar (2003), não há um lugar específico para resistência que esteja fora da rede, mas apenas pontos móveis e transitórios que se deslocam por essa teia de poderes.

Diferentemente de uma relação de violência – que fecha possibilidades, destrói, não cria – e tendo como antagonista a passividade, uma relação de poder não pode ser reduzida à violência, à autoridade. Não é uma *coisa* marcada por lados muito bem caracterizados: quem tem poder e quem não tem poder. Consentimento e violência estão mais para instrumentos e efeitos de poder do que para sinônimos de poder. Uma relação de poder reconhece o outro enquanto sujeito de ação. É uma ação sobre ações (FOUCAULT, 1995).

[O poder] não é em si mesmo uma violência que, às vezes, se esconderia, ou um consentimento que, implicitamente, se reconduziria. Ele é um conjunto de ações sobre ações possíveis; ele opera sobre o campo de possibilidade

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017  
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

onde se inscreve o comportamento dos sujeitos ativos; ele incita, induz, desvia, facilita ou torna mais difícil, amplia ou limita, torna mais ou menos provável; no limite, ele coage ou impede absolutamente, mas é sempre uma maneira de agir sobre um ou vários sujeitos ativos, e o quanto eles agem ou são suscetíveis de agir (FOUCAULT, 1995, p.243).

Foucault aponta que sua abordagem do tema não se efetiva a partir de perguntas referentes à origem ou a uma teoria sobre o poder – perguntas como *o que é o poder?* ou *de onde vem o poder?*. A principal questão para o filósofo é analisar o *como*, “não no sentido de ‘como se manifesta?’, mas ‘como se exerce?’, ‘como acontece quando os indivíduos exercem, como se diz, seu poder sobre os outros?’” (FOUCAULT, 1995, p.240), ou seja, o ponto não está na análise do poder propriamente dito, enquanto coisa, mas sim nas *relações* de poder.

Essa mudança indica que a compreensão do que é o poder não se dará pela via de análise de um poder dominante e centralizador na figura do Estado. O foco da observação deve ser deslocado para as inúmeras relações de força existentes dentro Estado e não apenas no poder exercido por ele. Assim, percebemos que Estado e poder não são sinônimos e que são as relações de poder – que estão articuladas e entremeadas entre si e com o próprio Estado – que sustentam e mantêm o Estado (MACHADO, 2014).

O desvio do foco de análise do poder legal e soberano do Estado ilumina as diversificadas e heterogêneas correlações de força que estão inseridas neste (WILKE; JARDIM, 2006, p.2). Em Foucault, o Estado não é visto como “aparelho central e exclusivo do poder”, mas como um dos pontos dessa rede de relações (MACHADO, 2014).

Se deixarmos de formar uma ideia demasiado estreita ou fantasmagórica do poder, se não o reduzirmos ao Estado, ao poder central, esse monstro frio que, dizem alguns, não para de crescer, saberemos avistá-lo em toda parte. [...] Mas o poder não decorre inteiramente de um polo de execração, ‘ele é veiculado por uma rede capilar tão cerrada que nos perguntamos onde não haveria poder’ (VEYNE, 2011, p.167).

Portanto, para Foucault, o que podemos observar são múltiplas “formas de exercício do poder diferentes do Estado, a ele articuladas de maneiras variadas e que são indispensáveis inclusive a sua sustentação e atuação eficaz” (MACHADO, 2014, p.13), sendo que esses poderes múltiplos e periféricos não são “confiscados e absorvidos pelo aparelho do Estado” (MACHADO, 2014, p.14), ou seja, podem ter vínculo com o Estado ou não. São as práticas e relações desses e entre esses poderes que Foucault chama de *microfísica do poder*.

Assim, considerando o poder “um feixe aberto mais ou menos coordenado (e sem

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017  
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

dúvida mal coordenado) de relações” (FOUCAULT, 2014, p.370), Foucault buscou um instrumento de análise para essas relações, desenvolvendo o conceito de Dispositivo (WILKE; JARDIM, 2006, p.2).

De acordo com Judith Revel (2005) e Castro (2009) o termo dispositivo passa a ser recorrente nos trabalhos de Foucault a partir da década de 1970. Revel (2005) aponta que há a possibilidade de ligação entre o que Foucault desenvolve por dispositivo e sua leitura de *Anti-Édipo*, livro de Deleuze e Gattarri, publicado em 1972, cujo o prefácio da edição americana foi escrito por Foucault em 1977. No prefácio, Foucault afirma que o texto de *Anti-Édipo* não deve ser entendido como uma filosofia, mas sim como arte, observando "as noções em aparência abstratas de multiplicidades, de fluxos, de dispositivos e de ramificações" (REVEL, 2005, p. 39). Judith Revel afirma ainda que essa ligação foi retomada em textos publicados em *Ditos e Escritos* v.3.

Ainda segundo estes autores, o termo surge em sua fase genealógica, que concentra basicamente obras como *Vigiar e Punir* e *História da Sexualidade*, na qual Foucault descreve respectivamente o Dispositivo Disciplinar e o Dispositivo da Sexualidade. O Dispositivo é, segundo Castro (2009), objeto de descrição genealógica.

Foucault indica que “faltava em seu trabalho a análise do poder, da relação entre o discursivo e o não discursivo” (CASTRO, 2009, p.124), definindo que o conceito de Dispositivo abordado nesta segunda fase – genealógica e não somente arqueológica – extrapola o que seria a *épistémè*, ou seja, “a *épistémè* é um dispositivo especificamente discursivo, diferentemente do dispositivo [genealógico], que é discursivo e não discursivo, seus elementos sendo muito mais heterogêneos” (FOUCAULT, 2014, p.367).

Na entrevista *Sobre a História da sexualidade* – publicado em 1977 na revista *Ornicar* de Paris e originalmente intitulado *O jogo de Foucault* – posteriormente em *Microfísica do Poder*, Michel Foucault conceitua o que vem apresentando como dispositivo em seus trabalhos. O filósofo elege três pontos para a definição do conceito: o primeiro limita quais elementos pertencem ao dispositivo; o segundo demarca a natureza das relações que podem existir entre esses elementos; e o terceiro ponto marca a importância histórica e o caráter de urgência dos dispositivos.

[...] em primeiro lugar, [dispositivo é] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas,

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017  
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos. Em segundo lugar, [...] entre esses elementos, discursivos ou não, existe um tipo de jogo, ou seja, mudanças de posição, modificações de funções, que também podem ser muito diferentes. Em terceiro lugar, entendo dispositivo como um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante (FOUCAULT, 2014, p.364-365).

Ao tratar do tema no campo filosófico, Foucault pontua que os dispositivos são formados por elementos de naturezas distintas, mas que mantêm intensas relações no interior de uma rede. Esses elementos heterogêneos podem ser de qualquer natureza, como enunciados científicos, leis, instituições etc. – discursivos ou não discursivos. Conforme indicamos acima, o conceito de dispositivo extrapola a *épistémè*, que englobaria apenas os discursos.

As relações e articulações entre tais elementos – discursivos e não discursivos – resultam em novas relações entre eles que reorganizarão (ou reajustarão) novos elementos que possam aparecer e, ainda, as suas próprias relações (FANLO, 2011). Assim, “os efeitos são aproveitados e reaproveitados conforme vão surgindo novas funções e/ou necessidade e/ou as relações de força” (WILKE; JARDIM, 2006, p.3).

Analisar os deslocamentos que ocorrem na rede de elementos heterogêneos envolve compreender também alguns outros pontos discutidos por Foucault, como por exemplo, o elemento estratégico relacionado ao Dispositivo e, como vimos anteriormente, sua noção de poder. Para o autor, o dispositivo tem uma natureza estratégica, – produzindo efeitos sociais – onde haveria sempre “uma certa manipulação das relações de força, de uma intervenção racional e organizada dessas relações de força, seja para desenvolvê-las em determinada direção, seja para bloqueá-las, para estabilizá-las, utilizá-las etc.” (FOUCAULT, 2014, p.367).

Um exemplo dado pelo autor - e que representa o seu entendimento de estratégia - é sua análise de classes dominantes. Assim, para uma classe se tornar dominante são necessárias certas táticas eficazes que tenham como efeito assegurar a dominação. Não é apenas uma força/poder exercido de cima para baixo, mas uma relação de reciprocidade entre esses poderes, um jogo. É nesse jogo que o dispositivo está inserido.

O dispositivo, portanto, está sempre inscrito em um jogo de poder, estando sempre, no entanto, ligado a uma ou a configurações de saber que dele nascem mas que igualmente o condicionam. É isso o dispositivo: estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentados por

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017  
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

ele (FOUCAULT, 2014, p.367).

Assim, o Dispositivo não é constituído somente pelo discursivo, como também não se restringe ao não discursivo, a uma instituição por exemplo. O que caracterizará um Dispositivo é a relação/rede de saber e poder na qual as instituições estão inscritas – a rede formada pelo dito e pelo não dito. O Dispositivo, então, é uma rede envolvida em um jogo de poder e saber que permite determinados efeitos de verdade e realidade (FANLO, 2011).

Por fim, precisamos salientar a importância do Dispositivo de poder e saber na constituição do sujeito. Segundo Fanlo, dispositivo é um “regime social produtor de subjetividade ou ainda, produtor de sujeitos pertencentes a uma ordem do discurso cuja estrutura sustenta um regime de verdade” (FANLO, 2011, p.7). Assim, os Dispositivos constituem formas de assujeitamento, inscrevendo nos sujeitos um conjunto de práticas sociais, estabelecendo saberes, mantendo instituições, delimitando, orientando e organizando modos e maneiras de ver e conhecer a realidade, dentro das condições de possibilidade existentes. Assim,

[...] o dispositivo é menos o determinismo que nos produz do que o obstáculo contra o qual reagem ou não reagem nosso pensamento e nossa liberdade. Estes se ativam contra ele na medida em que o próprio dispositivo é ativo; trata-se de um instrumento ‘que tem sua eficácia, seus resultados, que produz algo na sociedade, que está destinado a ter um efeito’. [...] Seus efeitos sobre o conhecimento podem ser assim efeitos de poder. Não que os jogos de verdade não sejam o disfarce dos jogos de poder, mas certos valores, em certas épocas, entre as quais a nossa, podem contrair relações com certos poderes (VEYNE, 2011, p.169).

Associado a este aspecto, percebemos o quanto o Dispositivo é marcado historicamente, pois considerando-o uma rede de saber e poder poderemos torna-lo inteligível se conseguirmos ter ciência de suas condições de aparição, ou seja, as condições de possibilidade que o marcam e o delimitam (FANLO, 2011). Desta forma, compreendemos que todo Dispositivo tem sua historicidade, que deve ser observada ao analisarmos as relações que se inscrevem em sua rede.

As questões relacionadas ao Dispositivo foucaultiano, as redes de saber e poder e a gama de efeitos assim produzidos, servirão de instrumento teórico para compreensão e análise das noções de práticas documentárias (ou práticas sociais com documentos), propostas por Bernd Frohmann, a seguir.

### 3 DOCUMENTO, MATERIALIDADE E AGÊNCIA DOCUMENTAL

Ao pensarmos Dispositivo como rede de elementos heterogêneos, inscrito em um jogo de poder e que se relaciona com uma configuração de saber produzindo determinados efeitos de verdade marcados por sua historicidade, podemos relacionar as novas perspectivas de documentação desenvolvida na ciência da informação por Bernd Frohmann.

Lídia Freitas (2010) aponta que, a partir dos anos de 1980, pesquisadores da ciência da informação retomaram a temática do documento a partir de novas abordagens filosóficas ou epistemológicas, “através da crítica ao chamado ‘paradigma informacional’ dominante” (FREITAS, 2010, p.147). O esforço é feito a partir do entendimento do documento como objeto sociocultural e de sua inserção nas relações históricas e institucionais. Assim, os autores que empreenderam o esforço

[...] ultrapassam os circuitos operacionais e seus dispositivos teóricos [...] através de questionamentos filosóficos ou epistemológicos dos construtos representacionais ‘informação’ e ‘documento’, passam a focar analiticamente tanto suas ‘demandas’ e ‘usos sociais’, quanto sua constituição conceitual e dispositivos operacionais enquanto funcionamento sócio-históricos disciplinares e institucionais inseridos em intensos jogos de linguagem, legitimidade e poder (FREITAS, 2010, p.146).

Inserido nesse grupo, Frohmann desloca o foco dado à informação por pesquisadores da área para o documento, a partir de críticas e desconstruções de noções baseadas na abordagem que ele chama de mentalista, predominante na área dos estudos de informação (FROHMANN, 2007; 2008b).

Frohmann desenvolve sua crítica ao mentalismo a partir dos questionamentos de Wittgenstein a respeito da produção de sentido na linguagem. Ressalta que o mentalismo é tido como cerne propagador para as mais variadas teorias da informação, relacionando a importância dada ao caráter mental para o ato de informar, pois, nesta linha, a informação é entendida como uma “nobre substância” da linguagem, ideia esta que estimularia a imagem mental da informação.

Se pensarmos na funcionalidade do documento a partir do mentalismo, entendemos que o mesmo apenas carrega/transporta algo com uma potência informativa. Esta potencialidade se dá pelo fato de que *ser informativo* depende de um processo mental do leitor - que tem o papel de compreender o conteúdo do documento - justificando, assim, as “diferenças na informatividade dos documentos” (FROHMANN, 2012, p.233).

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017  
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

[...] é preciso o *pensamento* para transformar documentos de matéria sem vida para informação viva. Um documento, aparentemente, pode ser *informativo* somente se o leitor for *formado* mentalmente, um processo imaginado como se o conteúdo do documento se tornasse presente nas mentes dos leitores quando estes se encontram no estado mental de compreensão do documento. O documento em si parece ser apenas um meio descartável que simplesmente transmite o genuíno objeto do desejo teórico: *a informação em si*, a nobre e intencional substância de Nunberg, presente no mundo como o conteúdo dos documentos, e que deve sua indiferença à transformação de seus próprios veículos ao seu status ontológico como substância mental (FROHMANN, 2012, p.232-233).

Os jogos de linguagem de Wittgenstein efetivados nas práticas sociais ajudam a entender o esforço feito por Frohmann para deslocar o foco de análise das teorias da informação para as práticas documentárias. Preza pela mudança na pergunta: o que antes era *o que é informação?*, agora podemos pensar em *como se constitui a impressão de informação?* (FREITAS, 2010).

A partir dos jogos de linguagem, Frohmann afirma que a observação das ações empregadas por pessoas nas práticas de linguagem diminui o caráter abstrato e mental dado ao significado. Fazendo uma relação direta, assinala que a informatividade do documento deve ser analisada sob outras perspectivas e não pela imagem mental da informação.

Muitos de seus relatos de casos, portanto, envolvem *práticas com documentos*. Assim como o tratamento da imagem agostiniana feita por Wittgenstein afasta nossa atenção das figuras mentalísticas de significado e a aproxima das práticas com a linguagem, da mesma maneira ela afasta nossa atenção das figuras mentalistas de informação e nos aproxima das práticas com documentos. A perspectiva de Wittgenstein anuncia um afastamento de *teorias da informação* na direção de *descrições de práticas documentárias* (FROHMANN, 2012, p.236).

Ao desenvolver a ideia de práticas documentárias, o autor aponta para uma perspectiva relacional do documento, ou seja, as práticas documentárias de Frohmann demonstram as relações entre a sociedade e os documentos nela produzidos, a partir de um efeito de informação gerado pela agência do documento. Neste caso, entendemos agência documentária como o poder que o documento tem de afetar as práticas sociais, ou seja, os efeitos de informação do documento.

Para o autor, as práticas documentárias têm propriedades que marcam o caráter relacional dos documentos. São elas: as relações institucionais, a disciplina social, a historicidade e a materialidade (FROHMANN, 2012). As relações institucionais demonstram o quanto os documentos estão vinculados às instituições - que imprimem, em parte, a

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017  
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

autoridade da informação pelo produtor do documento. O treinamento, o ensino, a correção, identificados em jogos de linguagem por Wittgenstein, são utilizados como recursos pela disciplina social, mantendo um vínculo entre a disciplina e a documentação.

Frohmann afirma que para entendermos a historicidade das práticas documentárias temos de considerar que a relação entre as práticas sociais e os documentos está marcada pelo tempo e pelo espaço, podendo ser analisada pelas permanências e rupturas históricas, assim como pelos dispositivos de poder e saber que envolvem questões políticas e culturais e que estão presentes nestas práticas. Ou seja, estudar a historicidade das práticas sociais com documentos é também estudar a rede de elementos heterogêneos que compõe o Dispositivo foucaultiano.

À materialidade do documento Frohmann dedica um enfoque especial já que afirma que é a materialidade documental que estabelece as práticas documentárias. Considera que o documento é a materialidade da informação, afirmando que “estudar a documentação é estudar as consequências e os efeitos da materialidade da informação” (FROHMANN, 2008b, p.22), ou seja, os efeitos do documento.

A materialidade vai muito além do registro documental. Consideramos que está muito mais próximo ao que Derrida chama de arquivo/inscrição - “não há arquivo sem um lugar de consignação, sem uma técnica de repetição e sem uma certa exterioridade. Não há arquivo sem exterior” (DERRIDA, 2001, p.22) – do que de um registro propriamente dito. Visto desta forma, a materialidade nos remete à crítica feita por Frohmann ao mentalismo, pois a ideia de exterioridade acompanha a lógica de retirar da mente do indivíduo a informação, materializando-a.

Além da exterioridade, vemos que o autor aborda a questão da materialidade da informação a partir do que Foucault desenvolve sobre materialidade dos enunciados. O enunciado é analisado pelo ponto de vista de sua existência e funcionamento, não de seu significado ou informação. Assim, preza por uma análise minuciosa do enunciado, que considere todos os seus processos desde o seu surgimento, passando por seus movimentos – transformações, ampliações, relações entre eles - até seu fim (FROHMANN, 2008b).

A ideia de materialidade dos enunciados no ponto de vista de Foucault estimula investigações específicas e detalhadas sobre como os enunciados são estabilizados, como sua estabilidade é mantida, como eles exercem poder e força, como efeitos específicos provêm deles, como eles são desestabilizados e decompostos e como eles deixam de existir. (FROHMANN, 2008b, p. 22-23)

É a partir desta perspectiva que Frohmann entende que os documentos são conjuntos de enunciados, materializados por e entre instituições, a partir de uma “materialidade pronunciada”. Assim, “práticas documentárias institucionais lhe dão [ao documento] peso, massa, inércia e estabilidade que materializa a informação de forma tal que ela possa configurar profundamente a vida social” (FROHMANN, 2008b, p. 25-26). Ou seja, o documento tem massa, peso, inércia e estabilidade que vão variar de acordo com a posição em que está inserido numa rede de relações.

Para estudarmos a materialidade do documento precisamos investigar sua vida institucional. Sua materialidade gera efeitos de informação - ou seja, poder de afetar - que também são variáveis e inscritos em uma rede de saberes e poderes, num dispositivo. Além disso, também podemos estudar a materialidade a partir da análise do papel da documentação na criação de classificações, ou categorias que segregam, agregam, exclui ou inclui setores da sociedade.

De acordo com Frohmann, as informações pertencentes a um tipo de categoria - ou ao reconhecimento dela - somente existem se houver documentação sobre esta categoria, ou seja, a própria categoria somente existe ao ser documentada. Para ilustrar, o autor afirma que

[...] o homossexual, como um tipo distinto de pessoa, surgiu apenas no século XIX. Antes dessa época, nenhuma informação sobre homossexuais era possível, porque essa categoria não existia. Nem mesmo Deus, diz Hacking, podia ter feito de George Washington um homossexual (FROHMANN, 2008b, p.28).

Frohmann sustenta que, sem um corpo de enunciados devidamente materializado e inserido numa rede formada por elementos diversos, a categoria de homossexual não ganharia massa e peso para constituir uma identidade – individual ou de grupo. É a materialidade e a agência dos documentos mobilizando práticas sociais.

A partir dessas visões, entendemos que o poder de afetar do documento, ou os efeitos de informação que os documentos possuem, vão variar de acordo com a posição em que ele se encontra em um dispositivo – ou dispositivos – na perspectiva foucaultiana. Frohmann usa as ideias de peso, massa, inércia e estabilidade para conferir ao documento, para além de características físicas, ontológica. E é a partir dessas categorias que desenvolve a ideia de agência documentária, ou ainda, o poder de afetar do documento, que pode reposicionar formas e pensamentos de acordo com seus contextos de uso, ou ainda, a partir

das práticas sociais documentárias.

Assim como Foucault, Frohmann propõe analisar o *como funciona* e não *o que é*: *como* os documentos produzem efeitos nas vidas individuais e *como* as práticas institucionais conferem competências performativas aos documentos (FROHMANN, 2007). E, ao analisar o *como*, conseguimos compreender a questão da agência documentária.

Partindo de Foucault ao tratar da questão do documento sem autor, Frohmann afirma que um conjunto de enunciados, inscritos em um dispositivo de saber, ganha materialidade a partir dos documentos, entrando assim nas práticas sociais. Esses documentos pertencem à uma rede de saberes e as declarações contidas no documento precedem a sua inscrição. Seus efeitos de informação escapam à sua criação – seja ela institucional ou pessoal – escapando também da individualidade de seus autores (FROHMANN, 2007).

Assim, ao estudar o documento buscamos compreender o processo, ou seja, entender como um conjunto de enunciados foi inscrito em um determinado tempo e espaço específicos, ou ainda, como ele está inserido dentro de um dispositivo, em uma rede de saber e poder. Não é olhar o documento em si, como coisa, mas sim o processo que fez um conjunto de declarações adquirir peso, massa, inércia e o poder de afetar as práticas sociais (FROHMANN, 2008a).

Entender os recursos teóricos desenvolvidos por Frohmann, como a noção de materialidade, de agência dos documentos, que permitem a análise dos efeitos de informação gerados pelo documento, põe em xeque a impotencialidade do documento, que o reduz a ser apenas algo que transmite informação.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Conforme anunciado, este trabalho faz parte de estudos iniciais para o desenvolvimento da pesquisa de doutoramento.

Teve como proposta destacar algumas considerações acerca de questões levantadas por Frohmann para os estudos informacionais, a partir de uma crítica ao pensamento mentalista (cognitivista) e uma reafirmação do papel do documento nas práticas sociais. Questões teóricas como a materialidade, a agência documental e os efeitos de informação do documento foram relacionados a dois pontos principais: a noção de jogos e relações de poder, assim como ao conceito de dispositivo desenvolvido por Foucault.

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017  
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

Assim, a partir das discussões propostas por este artigo, consideramos que uma das maneiras de explorar o que Frohmann chamou de práticas documentárias – institucionalidade, historicidade, disciplina social, materialidade – e de agência documental, é relacioná-las com a perspectiva de dispositivo de saber e poder foucaultiana. Ou seja, podemos compreender as noções de práticas documentárias e de agência documental inserindo-as no dispositivo e analisando a posição destas na rede de elementos heterogêneos e nos jogos de poder, considerando as variações dos efeitos de informação dos documentos de acordo com a posição em que estes se encontram na rede.

Concluimos, então, a partir dessa reflexão, que os efeitos de informação do documento – o poder de afetar dos documentos a partir das práticas documentárias - são fluidos e móveis, pois irão variar de acordo com sua posição em uma rede de poder e saber, ou seja, em um dispositivo. Essas reflexões nos levam ao questionamento essencial para nossa pesquisa: quais lugares os saberes do campo informacional vêm assumindo ao longo das diversas reflexões sobre o documento? Portanto, relacionar os trabalhos de Bernd Frohmann e Michel Foucault são essenciais para a compreensão, de um modo geral, do que é o documento e, conseqüentemente, para a discussão do tema na Ciência da Informação.

## **REFERÊNCIAS**

BARROS, José D'Assunção. **Teoria da História**: princípios e conceitos fundamentais. Petrópolis: Vozes, 2013.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

DERRIDA, Jacques. **O mal de arquivo**: uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relumê Dumará, 2001.

FANLO, Luis Garcia. Qué es un dispositivo? Foucault, Deleuze, Agamben. **A Parte Rei**: Revista de Filosofia, mar. 2011. Disponível em <<http://serbal.pntic.mec.es/AparteRei/fanlo74.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

\_\_\_\_\_. O sujeito e o poder. In: RABINOW, P; DREYFUS, H. **Michel Foucault uma**

**trajetória filosófica:** para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FREITAS, Lídia. O dispositivo de arquivo: a construção histórico-discursiva do documento e do fato. In: FREITAS, Lídia; MARCONDES, Carlos Henrique; RODRIGUES, Ana Célia (Orgs.).

**Documento:** gênese e contextos de uso. Niterói: EdUff, 2010.

FROHMANN, B. Documentação rediviva: prolegômenos a uma (outra) Filosofia da Informação.

**Morpheus:** Revista eletrônica em ciências humanas. Ano 9, n. 14, 2012.

\_\_\_\_\_. Documentary ethics, ontology, and politics. **Archival science**, v. 8, n.3, 2008a.

\_\_\_\_\_. Multiplicity, materiality, and autonomous agency of documentation. In: SKARE, Roswitha; LUND, Niels Windfeld; VÂRHEIM, Andreas (Orgs.). **A document (re)turn:** Contributions from a research field in transition. Lang, 2007.

\_\_\_\_\_. O caráter social, material e público da informação. In: FUJITA, M. S. L., MARTELETO, R. M., LARA, M. L.G. de (Orgs.). **A dimensão epistemológica da Ciência da Informação e suas interfaces técnicas, políticas e institucionais nos processos de produção, acesso e disseminação da informação.** São Paulo: Cultura Acadêmica Ed.; Marília: Fundepe Ed., 2008b.

GONDAR, J. Cinco proposições sobre a memória social. In: DODEBEI, V; FARIAS, F; GONDAR, J. (Orgs.). **Por que memória social?** Rio de Janeiro: Morpheus, 2016.

\_\_\_\_\_. Memória, poder e resistência. In: GONDAR, J. BARRENECHEA, M. (Orgs.).

**Memória e espaço:** trilhas do conhecimento. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

HEYMANN, Luciana. Um olhar antropológico sobre o documento: representações e usos sociais. In: FREITAS, Lídia; MARCONDES, Carlos Henrique; RODRIGUES, Ana Célia (Orgs.). **Documento:** gênese e contextos de uso. Niterói: EdUff, 2010.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

MACHADO, Roberto. Introdução. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

REVEL, Judith. **Michel Foucault:** conceitos essenciais. São Carlos: Claraluz, 2005.

VEYNE, P. **Foucault.** O pensamento, a pessoa. Lisboa: Texto & Grafia, 2009.

WILKE, Valéria; JARDIM, José Maria. Dispositivo de informação contemporâneo: considerações preliminares para uma arqueogenealogia do horizonte informacional em nossa contemporaneidade. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 7., 2006, Marília. **Anais eletrônico...** Marília: UNESP, 2006.